

RECONCILIANDO A MATERIALIDADE CORPORAL E O CONSTRUTIVISMO SOCIAL

uma resenha da obra “*Embodying Difference: Critical Phenomenology and Narratives of Disability, Race, and Sexuality*”, de Simon Dickel

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v11i2.46787>

Anna Caramuru Pessoa Aubert*

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade de Münster

<http://lattes.cnpq.br/2005170752734528>

<https://orcid.org/0000-0003-4442-6217>

annacaramurup@gmail.com

* Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2015). Pós-graduada em Direitos Animais pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (2021). Mestre em Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2019). Doutoranda em Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em regime de cotutela com a Universidade de Münster (Alemanha). Bolsista CAPES e DAAD.

Anna Caramuru Aubert

Resumo

Na obra “Embodying Difference: Critical Phenomenology and Narratives of Disability, Race, and Sexuality”, Simon Dickel, professor de estudos de gênero e diversidade na Folkwang University of the Arts na Alemanha, analisa narrativas no campo dos estudos sobre deficiência, da teoria racial crítica e dos estudos queer a partir da fenomenologia crítica. O livro é composto de quatro capítulos para além da introdução e da conclusão: (i) Deficiência e Corporeidade (Disability and Embodiment); (ii) Cegueira e Percepção (Blindness and Perception); (iii) Negritude e Visibilidade (Blackness and Visibility); e Homoafetividade e Invisibilidade (Gayness and Invisibility). Em sua obra, Dickel, a partir da leitura de memórias e romances sobre deficiência, raça e sexualidade, e verificando como tais narrativas trazem à tona o capacitismo, o racismo e a homofobia, se utiliza da fenomenologia crítica para verificar como ela pode servir de perspectiva para os estudos literários e culturais, apresentando alternativas para abordar as categorias distintivas de deficiência, raça e sexualidade.

Palavras-chave: Materialidade corporal. Construtivismo Social. Simon Dickel. Fenomenologia crítica.

Na obra “*Embodying Difference: Critical Phenomenology and Narratives of Disability, Race, and Sexuality*”, Simon Dickel, professor de estudos de gênero e diversidade na *Folkwang University of the Arts* na Alemanha, analisa narrativas no campo dos estudos sobre deficiência, da teoria racial crítica e dos estudos *queer* a partir da fenomenologia crítica.

O livro é composto de quatro capítulos para além da introdução e da conclusão: (i) Deficiência e Corporeidade (*Disability and Embodiment*); (ii) Cegueira e Percepção (*Blindness and Perception*); (iii) Negritude e Visibilidade (*Blackness and Visibility*); e Homoafetividade e Invisibilidade (*Gayness and Invisibility*).

Em sua obra, Dickel, a partir da leitura de memórias e romances sobre deficiência, raça e sexualidade, e verificando como tais narrativas trazem à tona o capacitismo, o racismo e a homofobia, se utiliza da fenomenologia crítica para verificar como ela pode servir de perspectiva para os estudos literários e culturais, apresentando alternativas para abordar as categorias distintivas de deficiência, raça e sexualidade.

Com esse propósito em vista, então, em cada capítulo, Dickel traz narrativas de autores diversos, como, por exemplo, o capítulo *The Beehive* da biografia de Kenny Fries (*The History of My Shoes and the Evolution of Darwin's Theory* [2007]), em que a presunção de que pessoas com deficiência não podem praticar atividades ao ar livre é desafiada, concluindo-se que o “estar-no-mundo” é dinâmico, ou seja, o modo como corpos se relacionam com o universo ao redor não é estático.

A escolha pela fenomenologia, note-se, decorre do fato de que ela possibilita uma fuga, na visão de Dickel, do dualismo cartesiano que reduz o modo de pensarmos as categorias distintivas em análise. A fenomenologia adota como ponto de partida, no mais, a presunção de não existe um mundo separado de nossa percepção sobre ele, percepção essa que é responsável por constituir o significado e a coerência de tal mundo, de modo intencional. É dizer:

[...] não há experiência [...] sem alguém que a vivencie. Esse ‘alguém’ não é um mero cogito ou ‘eu penso’; é, em sua formulação mais básica, uma relação ou orientação do pensador com o pensamento [...]. Eu não apenas penso, eu penso pensamentos, sinto sentimentos, lembro de memórias e assim por diante (Guenther, 2020, p. 11, tradução nossa).

Enquanto metodologia, a fenomenologia parte de uma postura original, e propõe uma reflexão sobre o objeto natural e suas intencionalidades. Para isso, primeiramente descreve – de modo a neutralizar as intencionalidades, por meio de uma observação imparcial que não parte de premissas classificatórias ou intelectualistas – e somente depois significa e interpreta aquilo que é percebido (Barbosa-Fohrmann, 2022). Em sua modalidade clássica, contudo, a fenomenologia não leva em consideração o modo como estruturas sociais e históricas moldam nossa experiência:

Estruturas como a do patriarcado, supremacia branca e heteronormatividade permeiam, organizam e reproduzem a atitude natural de maneiras que vão além de qualquer objeto particular de pensamento. Não são coisas para serem vistas, mas sim, modos de se ver, e mesmo modos de constituir o mundo que passam despercebidos sem uma prática sustentada de reflexão crítica (Guenther, 2020, p. 12, tradução nossa).

É por isso que Dickel opta por trabalhar com a fenomenologia em sua modalidade crítica, a qual se volta não só para o objeto da percepção – *o que é percebido* – como também para *o modo* como é percebido. Trata-se, pois, de verificar “como o mundo molda a consciência, sem privar a consciência da agência para moldar o mundo em troca” (Guenther, 2020, tradução nossa).

No contexto da fenomenologia crítica calcada, notadamente, na ideia de corporeidade presente na *Fenomenologia da Percepção* (1999) de Maurice Merleau-Ponty (sem ignorar as críticas comumente dirigidas ao autor em razão do modo como parece, a princípio, não lidar de modo crítico

com a questão da normalidade dos corpos como os pós-estruturalistas), Dickel está preocupado com essas estruturas de injustiça, questionando como elas próprias afetam a incorporação das distinções sociais, debatendo, nessa medida, como a percepção – notadamente, o ver e o ser visto – afeta a consciência e o “estar-no-mundo”.

Nesse ponto, o autor destaca que não só o sexo e a raça são visíveis, mas muitas deficiências também o são, levando ao emprego de estratégias de ocultação dos traços distintivos. E, mesmo na hipótese de diferenças invisíveis – como no caso de judeus ou gays, por exemplo –, muitas vezes o sujeito, em razão de discursos sociais capacitistas, racistas ou homofóbicos, adota posturas similares que evitem que seja percebido como integrante de grupos marginalizados.

Para além da tentativa de ocultação, pessoas estigmatizadas pelo racismo, capacitismo e homofobia, segundo o autor, costumam experimentar sensações corporais específicas quando vivenciam a discriminação, como o coração acelerado, mãos suadas e mudanças no tom de voz. Assim, não só suas identidades, como seus comportamentos corporais são impactados pela discriminação sofrida de modo significativo. Dickel se utiliza desse *insight* para analisar as diferentes narrativas trazidas no livro, verificando, inclusive, como os modos de percepção impactam as chances dos protagonistas das diferentes histórias trazidas se autorrealizarem, esteja-se diante, ou não, de traços visíveis de discriminação – uma distinção abordada pelo autor com profundidade na obra.

Dickel, por fim, opta por adotar uma abordagem pós-estruturalista que leva em consideração linguagem, conhecimento e poder, para compreender diferentes opressões de grupos marginalizados no mundo ocidental, sem ignorar ou minimizar o papel do corpo físico e da experiência vivida no que diz respeito à opressão, (re)conciliando a materialidade do corpo – que aqui se traduz na corporeidade, não se confundindo com a deficiência ou raça, por exemplo, enquanto fatores biológicos – com a construção social desses fatores. É justamente desse entrecruzamento da fenomenologia e da pós-estruturalismo que nasce a fenomenologia crítica adotada por Dickel, já que fenomenólogos críticos estão de acordo com a conceitualização intersubjetiva da consciência,

criticando, contudo, a descrição neutra das ordens normativas de Merleau-Ponty, adotando, para suprir essa lacuna, uma perspectiva calcada em Foucault (cf. Foucault, 1972; 1980; 2001) que possibilita compreendermos que os conceitos de “normal” e “deficiência” são produzidos por meio do poder e do discurso (Dickel, 2022).

Dentro desse quadro teórico, no capítulo *Disability and Embodiment*, são discutidas quatro memórias de escritores paraplégicos – *The Body Silent*, de Robert Murphy; *Flying Without Wings*, de Arnold R. Beisser; *How I Became a Human Being: A Disabled Man's Quest for Independence*, de Mark O'Brien e Gillian Kendall, e *My Body Politic*, de Simi Linton – que apresentam uma crítica social ao capacitismo no Ocidente. Para além disso, Dickel discute os modelos médico e social da deficiência, o primeiro responsável, em linhas gerais, por situar a deficiência no corpo, a compreendendo como uma condição médica a ser removida, e o segundo por situar a deficiência no meio, que deve se ajustar para receber a pessoa com deficiência de modo apropriado (cf. Barbosa-Forthmann, 2016). Para o autor, ainda que o modelo social ajude a superar a percepção da deficiência como uma condição privada, compreendendo o capacitismo como sistema de opressão, acaba por negligenciar, não obstante, o papel das experiências corporais vividas por aquele que experimenta a deficiência. A partir deste insight, Dickel apresenta a visão fenomenológica acerca do debate lançando luz sobre a corporeidade e sobre o esquema corporal dos narradores.

No capítulo seguinte, *Blindness and Perception*, ele trabalha com cinco memórias de três escritores cegos, Stephen Kuusisto (*Planet of the Blind e Eavesdropping: A Memoir of Blindness and Listening e Have Dog, Will Travel*), Rod Michalko (*The Two-in-One: Walking with Smokie, Walking with Blindness*) e Hector Chevigny (*My Eyes have a Cold Nose*). Para analisar tais narrativas, Dickel se vale dos conceitos de hábito, percepção, e hábito perceptivo de Merleau-Ponty, trabalhando, ainda, com a ideia de ser-no-mundo de pessoas cegas quando emparelhadas aos seus cães-guia, e com a questão da percepção da raça a partir dos demais sentidos, verificando como pessoas cegas percebem a raça, a partir de três filmes: *A Patch of Blue*, de Guy Green, *Night on Earth*, de Jim Jarmusch e *Auf den Zweiten Blick*, de Sheri Hagen.

No capítulo quatro, *Blackness and Visibility*, Dickel aprofunda o debate entre visibilidade e diferença racial, a partir do livro de memórias *The Bern Book: A Record of a Voyage of the Mind*, de Vincent O. Carter, escritor que viveu como o único homem negro em Berna, na Suíça, nas décadas de 1950 e 1960.

No capítulo quinto, *Gayness and Invisibility*, por fim, o autor analisa os romances *Hide*, de Matthew Griffin, e *Maybe the Moon*, de Armistead Maupin, e o foco deixa de ser, especialmente no que diz respeito ao primeiro romance, o visível, e muda para as distinções invisíveis na identidade sexual gay, já que a homoafetividade não está, ao menos diretamente, ligada ao corpo.

Percorrendo as diferentes narrativas e adotando a experiência corporal como protagonista, Dickel apresenta uma proposta necessária no que diz respeito aos estudos críticos, já que não regrida a modelos biológicos, mas tampouco se restringe a modelos sociais, conjugando fenomenologia e pós-estruturalismo. Afinal, se é verdade que a fenomenologia clássica é insuficiente para lidar com as diferentes estruturas sociais de opressão, fato é que a fenomenologia crítica se apresenta como uma estratégia interessante não apenas para a filosofia, mas, como afirma Lisa Guenther (2020), para o próprio ativismo:

Como prática política, a fenomenologia crítica é uma luta pela libertação das estruturas que privilegiam, naturalizam e normalizam certas experiências do mundo enquanto marginalizam, patologizam e desacreditam outras. Essas estruturas existem em muitos níveis: social, político, econômico, psicológico, epistemológico e até ontológico. Ambos estão “lá fora” no mundo, nos padrões e exemplos documentados de dominação racista heteropatriarcal, e são intrínsecos à subjetividade e à intersubjetividade, moldando a maneira como percebemos a nós mesmos, os outros e o mundo. [...] Como uma prática política transformadora, a fenomenologia crítica deve ir além de uma descrição da opressão, desenvolvendo estratégias concretas para desmantelar estruturas opressivas e criar ou ampliar formas

diferentes, menos opressivas e mais libertadoras de Ser-no-mundo. Em outras palavras, o objetivo final da fenomenologia crítica não é apenas interpretar o mundo, mas também transformá-lo (Guenther, 2020, p. 15, tradução nossa).

Existe um universo vasto a ser explorado a partir da perspectiva da fenomenologia crítica, e a obra de Dickel é certamente valiosa para que, por meio de uma reconciliação entre materialidade corporal e construtivismo social, possamos refletir sobre a discriminação, opressão, e emancipação dos corpos considerados, por quaisquer motivos, *anormais* – seja de modo visível ou invisível.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA-FOHRMANN, Ana Paula. Os Modelos Médico e Social de Deficiência a partir dos significados de segregação e inclusão nos discursos de Michel Foucault e de Martha Nussbaum. *Revista Estudos Institucionais*, v. 2, n. 2, 2016. DOI: <https://doi.org/10.21783/rei.v2i2.76>.
- BARBOSA-FOHRMANN, Ana Paula. *Narrating Experiences of Alzheimer's through Art: Phenomenological and Existentialist Descriptions of the Living Body*. Biefield: Transcript, 2023.
- DICKEL, Simon. *Embodying Difference: Critical Phenomenology and Narratives of Disability, Race, and Sexuality*. Cham: Palgrave Macmillan, 2022.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Trad. Roberto Machado. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Trad. Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GUENTHER, Lisa. Critical Phenomenology. In: WEISS, Gail; MURPHY, Ann; SALAMON, Gayle. *50 Concepts for a Critical Phenomenology*. Evanston: Northwestern University Press, 2020, p. 11-16.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- WARREN, Calvin L. *Ontological Terror: blackness, nihilism, and emancipation*. Durhan; London: Duke University Press, 2018.

Recebido em 12 de janeiro de 2023

Aprovado em 02 de junho de 2023

Publicado em 30 de agosto de 2024

